

CANAÃ

GRAÇA ARANHA

CANAÃ



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2022 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto Graça Aranha	Produção editorial Ciranda Cultural
Editora Michele de Souza Barbosa	Diagramação Linea Editora
Preparação Walter Sagardoy	Design de capa Ana Dobón
Revisão Fernanda R. Braga Simon	Imagens Elena Schweitzer/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A662c	Aranha, Graça
Canaã / Graça Aranha. - Jandira, SP : Principis, 2022. 256 p. ; 15,50cm x 22,60cm. - (Clássicos da literatura brasileira).	
ISBN: 978-65-5552-744-5	
1. Literatura brasileira. 2. Imigração. 3. Corrupção. 4. Cultura. 5. Processo. 6. Pré-modernismo. 7. Resgate. I. Título. II. Série.	
2022-0487	CDD 869.899-320 CDU 821.(81)-34

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Romance 869.899-320
2. Literatura brasileira : Romance 821.(81)-34

1ª edição em 2022

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Esta obra reproduz costumes e comportamentos da época em que foi escrita.



1

Milkau cavalgava molemente o cansado cavalo que alugara para ir do Queimado à cidade do Porto do Cachoeiro, no Espírito Santo.

Os seus olhos de imigrante pasciam na doce redondeza do panorama. Nessa região a terra exprime uma harmonia perfeita no conjunto das coisas: nem o rio é largo e monstruoso precipitando-se como espantosa torrente, nem a serra se compõe de grandes montanhas, dessas que enterram a cabeça nas nuvens e fascinam e atraem como inspiradoras de cultos tenebrosos, convidando à morte como um tentador abrigo... O Santa Maria é um pequeno filho das alturas, ligeiro em seu começo, depois embaraçado longo trecho por pedras que o encachoeiram, e das quais se livra num terrível esforço, mugindo de dor, para alcançar afinal a sua velocidade ardente e alegre. Escapa-se então por entre uma floresta sem grandeza, insinua-se vivaz no seio de colinas torneadas e brandas, que parecem entregarem-se complacentes àquela risonha e única loucura... Elas por sua vez se alteiam graciosas, vestidas de uma relva curva que suave lhes desce pelos flancos, como túnica fulva, envolvendo-as numa carícia quente e infinita. A solidão

formada pelo rio e pelos morros era naquele glorioso momento luminosa e calma. Sobre ela não pairava a menor angústia de terror.

Absorto na contemplação, Milkau deixava o cavalo tomar um passo indolente e desencontrado: a rédea caía frouxa sobre Canaã, o pescoço do animal, que balançava moroso a cabeça, baixando de quando em quando as pálpebras pesadas e longas sobre os olhos viscosos. Tudo era um abandono preguiçoso, um arrastar lânguido por entre a tranquilidade da paisagem. Os humildes ruídos da natureza contribuía para uma voluptuosa sensação de silêncio. A aragem mansa, o sussurro do rio, as vozezinhas dos pequeninos insetos ainda tornavam mais sedativa e profunda a inquebrantável imobilidade das coisas. Interrompia-se ali o ruído incessante da vida, o movimento perturbador que cria e destrói; o próprio sol nascente vinha erguendo-se repousado na calmaria da noite, e os seus raios não tinham ainda a potência de alvoroçar as entranhas da terra sossegada. Milkau caía em longa cisma, funda e consoladora. Quem não esteve em repouso absoluto não viveu em si mesmo; no turbilhão a sua boca proferiu acentos que não percebia; hoje, sereno, ele mesmo se espanta do fluido perturbador que emanava dos seus nervos doloridos e maus. As eternas, as boas, as santas criações do espírito e do coração são todas geradas nas forças misteriosas e fecundas do silêncio...

Na frente do imigrante vinha como guia um menino, filho de um alugador de animais no Queimado. O pequeno, muito enfasiado daquela viagem e do companheiro, deixava-se conduzir pelo seu velho cavalo. Umhas vezes, soltava uma palavra que ficava morta no ar; outras, para se expandir, resmungava como animal, esporeava-o e o fazia galopar descompassado e arquejante. Milkau nesses momentos atentava no menino e se compungia diante da trêfega e ossuda criança que era essa, rebento fanado de uma raça que se ia extinguindo na dor surda e inconsciente das espécies que nunca chegam a uma florescência superior, a uma plena expansão da

individualidade. E o viajante saía da contemplação, surgia do fundo dos seus pensamentos, e chamando a si o pequeno:

– Então, vens sempre ao Cachoeiro?

– Ah!... – disse o menino como que espantado de ouvir uma voz humana... – Venho sempre quando há freguês; ainda anteontem vim, mas desde muito não chegava ninguém da Vitória. Também choveu tanto estes dias!...

– De que gostas mais: de tua casa ou da cidade?

– Da cidade, nhor sim.

– Teu serviço em casa de teu pai é só acompanhar os passageiros para o Cachoeiro? – continuou Milkau no seu interrogatório, que despertava e alegrava a criança.

Esta respondeu-lhe agora prontamente:

– Ah! Nhor não!

– Que fazes então?

– A gente ajuda o pai... Às vezes, de madrugada, vamos para a pescaria levantar a rede. Hoje, antes do patrão chegar, estávamos já de volta... Também foi só cocoroca e um pinguinho... Só quatro... O rio está escasso. Seu Zé Francisco diz que é porque a água está fria, mas tia Rita diz que agora é tempo de lua e a mãe-d'água não deixa o peixe sair. O melhor é pescar com bombas; mas o subdelegado não consente e a gente tem que se cansar por nada.

– Aí no Queimado vocês não têm carne?

– Ah! Nhor sim, carne-seca na venda do pai, mas é para a freguesia. Nós comemos peixe, e, quando falta, a gente bebe mingau... Continuavam a marchar pela estrada adentro. A paisagem não variava no desenho; apenas o sol começava a incendiar o espaço. Milkau fitava com bondade o pequeno guia; este sorria agradecido, abrindo os lábios descorados, mostrando os dentes verdes e pontiagudos, como afiada serra; mas o rosto macilento se esclarecia com a grande doçura de uma longa resignação de raça.

– Quanto falta para chegarmos, meu filho? – perguntou ainda o viajante.

– Mais da metade do caminho; ainda não se avista a Fazenda da Samambaia, e de lá à cidade é o mesmo que para o Queimado.

– Tu voltas logo para casa, ou queres descansar um pouco? Fica até à tarde...

– Oh!, patrão... O pai diz que eu volte já; hoje é dia de ir com a mãe fazer lenha, após tratar dos animais, consertar a rede que a canoa de seu Zé Francisco arrebentou esta madrugada; e nós vamos à noite, antes de a lua aparecer, deitar a rede, porque hoje, se a água estiver quente, é noite de peixe... O pai disse.

O imigrante compadecido testemunhava naqueles nove anos do desgraçado a assombrosa precocidade dos filhos dos miseráveis. O pequeno, animado pela conversa, alinhava-se garboso no velho cavalo, empunhava as rédeas com firmeza, fincava as pernas de esqueleto e punha o animal num trote esperto. Milkau acompanhava instintivamente essa atividade, e os dois, assim, fugitiva ligação da piedade e da miséria, avançavam pelo caminho afora.

Pouco tempo depois, numa curva da estrada, o menino apontou para diante e voltando-se disse ao companheiro:

– Estamos na Samambaia.

Lá no alto da colina um casarão pardacento misturava-se à bruma azul-acinzentada do longe, e, à medida que Milkau prosseguia, o horizonte se ia estreitando, o morro na frente tapava a estrada, e parecia que esta, estirando-se num esforço, ia morrer sobre ele. Os viajantes margeavam ora o cafezal plantado na encosta das colinas, ora a roça de mandioca na baixada. A terra era cansada e a plantação, medíocre; ao cafezal faltava o matiz verde-chumbo, tradução da força da seiva, e coloria-se de um verde-claro, brilhando aos tons dourados da luz; os pés de mandioca finos, delgados, oscilavam, como se lhes faltassem raízes e pudessem ser levados

pelo vento, enquanto o sol esclarecia docemente o grande céu e o ar era cheio dos cantos do rio e das vozes dos pássaros, que prolongavam a ilusão da madrugada. Sentia-se, ao contemplar aquela terra sem forças, exausta e risonha, uma turva mistura de desfalecimento e de prazer mofino. A terra morria ali como uma bela mulher ainda moça, com o sorriso gentil no rosto violáceo, mas extenuada para a vida, infecunda para o amor.

Milkau e o guia chegaram a uma porteira que fechava a estrada no trecho em que esta cortava as terras da Samambaia. O menino empurrou a cancela e com uma das mãos foi abrindo-a, enquanto ela rangia com um grito agudo. Milkau passou, e atrás dele uma pancada surda cerrou a estrada. Esta, logo ao penetrar nas terras da fazenda, descrevia uma curva que abraçava o vale e se aproximava da barranca do rio. O caminho barrento, pegajoso e úmido, cheio de sulcos de carro de boi, desprendia um cheiro de lama e estrume. Da estrada pelo morro acima o terreno era inculto, coberto de mata-pasto crescido, e sobre ele viam-se bois agitando com o movimento inquieto das cabeças a sineta que traziam ao pescoço, bufando e cantando insofridos a erva. Desenhava-se sob a pele dos pobres animais a rija ossadura. Faziam-lhes companhia aves de mau agouro, anus que trepavam nas suas costas de esqueletos, piando como pássaros da morte.

Quando Milkau se viu em frente à casa, largou esquecidas as rédeas do cavalo e pôs-se a mirar em torno. O casarão, à vista agora, era grande e acachapado, com uma imensa varanda em volta, sem janelas, e para onde se abriam as desbotadas portas do interior. Fora branco, mas estava enegrecido, com uma cor parda e desigual; aqui e ali o bolor sobre as paredes traçava estranhas e disformes visagens; da varanda descia uma escada de madeira já com falta de degraus e com os corrimãos arrancados; na frente, crescia livre a erva com touceiras de mato rasteiro, apenas cortado pelas picadas que levavam da estrada e de outras direções à casa de vivenda. Ao lado, uma capela, havia muitos anos fechada, guardando no seu silêncio a

voz da devoção, que por ali passara, transformada em ignorado e misterioso relicário de antigas imagens de santos, talvez belezas ingênuas de uma arte primitiva, dentro da igrejinha, velados pelas divindades enclausuradas, jaziam no chão sagrado os túmulos de senhores e de escravos, igualados pela morte e pelo esquecimento...

O cavalo de Milkau continuava a passo, o guia bocejava indiferente e, erguendo uma perna, alçava-a sobre a sela num gesto de resignação. Voltando-se para a casa, viu um vulto que chegava à soleira da varanda, reconheceu-o e disse vagarosamente ao companheiro:

– Lá está seu coronel Afonso.

Milkau cumprimentou, tirando cortesmente o chapéu; o homem lá no alto correspondeu, erguendo indolente o sombreiro de palha. O dono da fazenda, de pés nus, calça de zuarte, camisa de chita sem goma, parecia, com a barba branca, muito velho, atestando na alvura da tez a pureza da geração. A fisionomia era triste, como se ele tivesse consciência de que sobre si recaía o peso do descalabro da raça e da família; o olhar, turvo, apagado para os aspectos da vida como o de um idiota; o esgotamento das suas faculdades, das emoções e sensações era completo e o reduzira a uma atitude miseranda de autômato. Mas, ainda assim, ele representava a figura humana, a mesma vida superior envolta na queda das coisas, arrastada na ruína geral. E não há quadro mais doloroso do que este em que a ação do tempo, a força da destruição não se limita somente às tradições e aos inanimados, mas envolve no descalabro as pessoas e as paralisa e fulmina, fazendo delas o eixo central da morte e aumentando a sensação desoladora de uma melancolia infinita.

Quase à beira do caminho estava a casa do forno, onde se preparava a farinha. Era um velho barracão coberto de telha carcomida e negra, sobre a qual um limo verde crescia, qual espessa e microscópica floresta. No interior estava armada a bolandeira, como uma sobrevivência das antigas

moendas, e ao lado a roda onde no tempo do serviço se ralava a mandioca. Havia também dois se mexia a farinha pelo processo rudimentar das pás. Eram de cobre e destoavam do resto da engenhoca. Milkau notou, além disso, no grande desleixo da casa abandonada, restos de maquinismos espalhados pelo chão, tubos, caldeiras, rodas dentadas, atestando ter havido ali uma instalação melhor, que o homem, caindo de prostração em prostração, perdendo todo o polido de uma civilização artificial, abandonara agora em sua decadência, para se servir dos aparelhos primitivos que se harmonizavam com a feição embrutecida do seu espírito.

Milkau prosseguia pela estrada, abrangendo ainda com os olhos o quadro dessa triste fazenda. O vulto do coronel ficava imóvel na soleira da escada, presidindo com o olhar pasmado ao desmoronar silencioso daqueles restos de cultura, esperando na lúgubre atitude do inconsciente a lenta invasão do mato, que numa desforra triunfante vinha vindo, circunscrevendo, apertando o homem e as coisas humanas...

Os viajantes continuavam a mover-se dentro daquela paisagem onde as forças da vida parecia estarem paralisadas e onde tudo tinha a fixidez e a perfeição da imobilidade, quando, quebrando o caminho à direita, eles enfrentaram quase subitamente com um rancho de moradores. Era um pardieiro armado em cruz, coberto de palha, cujas línguas se projetavam desordenadas da cumeeira. O pequeno guia adiantou-se para a casa, instintivamente, como movido por longo hábito. À porta do rancho um velho cafuzo, com os olhos nevodados, fitava vagamente o espaço, encostado ao moirão: apenas trajava uma usada calça, o tronco estava nu, e sob a pele ressequida desenhava-se a envergadura de um esqueleto de atleta; sobre o dorso, como em moribundo cepo de árvore, crescia uma penugem branca encaracolada, que subia até ao queixo e formava uma rasteira barba. A sua postura era de adoração rudimentar, de um nunca terminado pasmo diante do esplendor e da glória do mundo.

No batente da porta sentava-se uma mulata moça. Toda ela era a própria indolência. Os cabelos não penteados faziam pontas como chifres, a camisa suja caía à toa no colo descarnado, e os peitos de muxiba pendiam moles sobre o ventre; em pé, ao seu lado, um negrinho vestido apenas de um cordão ao pescoço, donde se dependuravam uma figa de pau e um signo de Salomão, mirava embasbacado os cavaleiros que se achegavam ao tijupá.

Milkau cumprimentou o grupo, que sem o menor alvoroço o deixava aproximar-se. Apenas o velho disse, respondendo à saudação:

– Se apeie, moço.

– Não, obrigado. Quero chegar cedo...

– Eh! Meu sinhô, daqui ao Cachoeiro é um instantinho. Olhe só... Vencendo duas curvas do rio, está-se na cidade...

Depois o velho, como se refletisse um momento e sentisse despertar em si uma ânsia de comunicabilidade, insistiu com Milkau para que se apeasse. O guia não esperou mais, pulou da sela, e, abandonando o seu cavalo, segurou pelo freio o do viajante, enquanto este punha o pé em terra e bocejava numa satisfação de repouso.

O estrangeiro apertou a mão calosa e áspera do velho, que abriu os lábios numa rude expressão de riso, mostrando as gengivas roxas e desdentadas. A cafuza não se mexeu; apenas, mudando vagarosamente o olhar, descansou-o, cheio de preguiça e desalento, no rosto do viajante. A criança acolheu-se a ela boquiaberta, com a baba a escorrer dos beiços túmidos.

Da porta Milkau via claramente o interior da habitação. A cobertura era alta no centro e pendia em declive tão rápido para os lados que nas extremidades um homem não podia ficar em pé; a mobília miserável e simples compunha-se de uma rede cor de urucu armada num canto, de outra dobrada em rolo e suspensa num gancho, uma esteira estendida no chão de soque, dois banquinhos rasteiros, um remo, molhos de linha de pescar e alguns pobres instrumentos de lavoura. Uma pequena divisão de palha,

como que um biombo fixo, separava um dos cantos da peça, formando um quarto, onde se viam uma esteira e uma espingarda. No fundo, a porta abria para uma clareira do mato, na qual uma touça de bananeiras se multiplicava, e junto a essa porta pedras negras que se misturavam a restos de tições apagados indicavam a cozinha.

– Mora aqui há muito tempo? – perguntou Milkau.

– Fui nascido e criado nessas bandas, sinhô moço... Ali perto do Mangaraí. – E, tateando o espaço, estendia a mão para o outro lado do rio: – Não vê um casarão lá no fundo? Foi ali que me fiz homem, na fazenda do Capitão Matos, defunto meu sinhô, que Deus haja!

O estrangeiro, acompanhando o gesto, apenas divisava ao longe um amontoado de ruínas que interrompia a verdura da mata.

E a conversa foi continuando por uma série de perguntas de Milkau sobre a vida passada daquela região, às quais o velho respondia gostoso, por ter ocasião de relembrar os tempos de outrora, sentindo-se incapaz, como todos os humildes e primitivos, de tomar a iniciativa dos assuntos. Ele contou por frases gaguejadas a sua triste vida, toda ela um pobre drama sem movimento, sem lances, sem variedade, mas de quão intensa e profunda agonia! Contou a velha casa cheia de escravos, as festas simples, os trabalhos e os castigos... E na tosca linguagem balbuciava com a figura em êxtase a sua turva recordação.

– Ah, tudo isto, meu sinhô moço, se acabou... Cadê fazenda? Defunto meu sinhô morreu, filho dele foi vivendo até que Governo tirou os escravos. Tudo debandou. Patrão se mudou com a família para Vitória, onde tem seu emprego; meus parceiros furaram esse mato grande e cada um levantou casa aqui e acolá, onde bem quiseram. Eu com minha gente vim para cá, para essas terras do seu coronel. Tempo hoje anda triste. Governo acabou com as fazendas, e nos pôs todos no olho do mundo, a caçar de comer, a comprar de vestir, a trabalhar como boi para viver. Ah! Tempo bom de

fazenda! A gente trabalhava junto, quem apanhava café apanhava, quem debulhava milho debulhava, tudo de parceria, bandão de gente, mulatas, cafuzas... Que importava feitor?... Nunca ninguém morreu de pancada. Comida sempre havia, e quando era sábado, véspera de domingo, ah! meu sinhô, tambor velho roncava até de madrugada.

E assim o antigo escravo ia misturando no tempero travoso da saudade a lembrança dos prazeres de ontem, da sua vida congregada, amparada na domesticidade da fazenda, com o desespero do isolamento de agora, com a melancolia de um mundo desmoronado.

– Mas, meu amigo – disse Milkau –, você aqui ao menos está no que é seu, tem sua casa, sua terra, é dono de si mesmo.

– Qual terra, qual nada... Rancho é do marido de minha filha, que está aí sentada, terra é de seu coronel, arrendada por dez mil-réis por ano. Hoje em dia tudo aqui é de estrangeiro, Governo não faz nada por brasileiro, só pune por alemão...

Num estremecimento, o preto velho, com o olhar perdido no vácuo, a mão estendida fazendo gestos tardos e incertos, prosseguia no seu monólogo:

– Vosmecê vai ficar aqui? Daqui a um ano está podre de rico. Todos os seus patrícios eu vi chegar sem nada, com as mãos abanando... E agora? Todos têm uma casa, têm cafezal, burrada... De brasileiro Governo tirou tudo, fazenda, cavalo e negro... Não me tirando a graça de Deus...

E os seus olhos tristes obscureceram-se. A névoa que os cobria tornou-se mais densa, como que sobrecarregada agora da pesada visão da conquista da terra pátria pelos bandos invasores.

Seguiu-se um opressivo silêncio. Milkau recolhia o eco daquele queixume de eterno escravo, daquela maldefinida resignação dos esmagados. Havia alguma coisa de aleijão nesse protesto, e a incapacidade de uma expressão livre e elevada fazia crescer a angústia. O velho continuava

meneando a cabeça e resmungando um choro. A figura da filha, de uma indolência sinistra, dava maior opressão a tudo... Milkau sentia um estrangulamento, como se o peso de toda a responsabilidade da sorte daquela gente caísse também sobre ele. Lá dentro de si mesmo batia-se em vão para encontrar a claridade de um sentimento, a liquidez de uma palavra consoladora. Nada achou. Num gesto contrafeito despediu-se.

– Adeus, até à vista, meu velho.

O preto abanou-lhe a mão. Os outros da família ficaram quietos, apatetados.

Milkau caminhava pela grande luz da manhã, agora de todo inflamada. Os ventos começavam a soprar mais espertos e como que agitavam as almas das coisas, arrancando-as do torpor para a vida. O rio descia em direção contrária à marcha dos viajantes, e esses movimentos opostos davam a impressão de que toda a paisagem se animava e docemente ia desfilando aos olhos do cavaleiro. A fazenda, lá no alto, sumia-se no fundo do longínquo horizonte, o imigrante notava o manso desenrolar do panorama, como o de fitas mágicas: casas de moradores, homens, tudo ia passando, rolando mansamente, mas arrastado por uma força incessante que nada deixava repousar.

A estrada se alargava, outras vinham aparecendo, desconhecidas, infinitas e incertas, como são os caminhos do homem sobre a terra. A brisa fresca encanava-se pelas duas ordens fronteiras de colinas paralelas ao rio e trazia ao encontro do viajante um mugido sonoro de cascata. O rolar do Santa Maria batendo sobre pedras amontoadas, despedaçando-se como um louco nas lajes, aumentava; e as suas águas revoltas, espumantes, recolhiam e reverberavam a luz do sol, como um vacilante espelho. Milkau ao longe, na mata ainda fumegante de névoas, uma larga mancha branca. Na frente o guia, estendendo o braço, gritou-lhe: Porto do Cachoeiro.

Milkau, como se despertasse, respirou sôfrego, o corpo se lhe agitou e estremeceu nessa ânsia de quem penetra na terra desejada; mas o sangue em